

A economia rural, o Frei e a utilidade dos livros.
Leitores e lugares de circulação de manuais técnicos agrícolas em Minas Gerais e no mundo português do final do século XVIII e início do XIX.

José Newton Coelho Meneses
Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO:

Problematização do papel de Frei José Mariano da Conceição Veloso como divulgador de saberes para estimular a economia rural do mundo português do início do século XIX, através da produção de manuais técnicos. À luz de complexas propostas econômico-políticas iluministas ele elabora um projeto editorial, conjugando matrizes de conhecimento agrícola e de história natural europeias com interesses econômicos da Monarquia portuguesa. Associa, sobretudo, tais saberes a uma realidade “brasileira” que ele conhece e elege como alvo. A comunicação centra-se em dois fatores distintos: o tipo de leitores a ser atendidos e o repertório de leituras propícias para a busca produtiva.

PALAVRAS-CHAVE: Economia rural; Minas Gerais; Manuais técnicos; livros

ÁREA TEMÁTICA: História Econômica e Demografia Histórica

A economia rural, o Frei e a utilidade dos livros.
Leitores e lugares de circulação de manuais técnicos agrícolas em Minas Gerais e no mundo português do final do século XVIII e início do XIX.

Frei Veloso, José Mariano da Conceição Velloso, nascido José Velloso Xavier, tem papel importante na tentativa portuguesa de incentivar mudanças na produção agrária do Império, ao final do século XVIII e início do XIX. Tanto D. Martinho de Melo e Castro, ministro de D. Maria I, quanto D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro do Príncipe Regente D. João, após a morte daquele em 1795, tentaram incentivar a produção de novos gêneros comerciais em territórios da Colônia americana. A justificativa para isso era a salvação de uma economia avaliada como decadente. Almejavam produzir na América, produtos exportáveis que estimulassem o comércio português.

Objetivamos nesta comunicação problematizar o papel do capucho Frei José Mariano da Conceição Velloso como um editor e divulgador de técnicas e de saberes, agindo como um instrumento de mediação entre culturas: à luz de propostas econômico-políticas iluministas, de complexidade ainda por ser melhor explorada, ele elabora um projeto editorial, conjugando matrizes de conhecimento agrícola e de história natural europeias com interesses econômicos da Monarquia portuguesa. Associa, sobretudo, tais saberes a uma realidade “brasileira” que ele conhece e elege como alvo. Este alvo é, a meu ver claro, mas pouco discutido historiograficamente. Centra-se em dois fatores distintos: o tipo de leitores que deverão ser atendidos e o repertório de leituras que lhes atendem na sua busca produtiva.

A presente comunicação não alcançará as respostas a este problema investigativo aqui colocado com simplicidade. A problematização deste objeto e a sua discussão é seu objetivo preliminar.

Importante, então, para mim, neste momento de pesquisa ainda em andamento é aquilatar, para além deste papel importante de Frei Veloso e de suas iniciativas editoriais, a integração da realidade da América portuguesa a 1) uma produção agrária proposta como importante na economia-mundo deste período e 2) ao diálogo de saberes biológicos-agronômicos no ambiente científico da Europa. A realidade luso-brasileira que me interessa é parte dessa dinâmica e dela participa de forma efetiva.

Foram remetidas para as Capitâneas americanas e, especificamente para a das Minas Gerais, publicações técnicas que buscavam dar novos rumos à produção da agricultura na Colônia. Como exemplos dessas remessas, apresentamos os quadros abaixo que demonstram duas delas ocorridas em 19 de agosto de 1800 e em 22 de outubro do mesmo ano. Na primeira, anexava-se correspondência com os seguintes dizeres:

Por ordem do Príncipe Regente Nosso Senhor, remeto a Vossa senhoria os Impressos que constam da Relação inclusa e se destinam a instruir os povos não só em objetos da agricultura, mas, também, em outros importantes assuntos. Fará pois Vossa senhoria distribuir e vender os mesmos impressos pelos preços que vão apontados na mesma relação e montam 151 \$ 920, remetendo a sua total importância ao Oficial Maior desta Secretaria de Estado, afim de que a Real Fazenda se indenize das despesas que tem feito com a publicação das referidas obras.

Quadro 1
Primeira Relação (19/08/1800)

Número de exemplares	Obra	Valor individual	Valor total
50	Volumes 2 ^{os} de Bergman *	1 \$ 400	72 \$ 000
50	Volumes do <i>Fazendeiro de Anil</i> – T. 2	1 \$ 200	60 \$ 000
12	Volumes 2 ^{os} em pasta do <i>Manual do Mineralógico</i>	1 \$ 600	19 \$ 200
6	Elegias F ^{co} Cardozo **	\$ 120	\$ 720
		TOTAL	151 \$ 920

Fonte: Arquivo Público Mineiro/Seção Colonial 290, f. 130; doravante abreviado como APM/SC.

* *Manual do Mineralógico ou Esboço do Reyno Mineral*, de Mr. Torben Bergman, traduzido por Martim Francisco Ribeiro de Andrade Machado e editado por Frei Velloso. Na Oficina de João Procópio Corrêa da Silva, Lisboa, 1799.

** Provavelmente referência ao *Canto Heroico* de José Francisco Cardoso, Professor Régio de Gramática latina na cidade de Salvador, Bahia, escrito em latim e traduzido por Manoel Maria de Barbosa du Bocage: *Ao Serenissimo, piissimo, felicissimo, Principe Regente de Portugal, D. João, Ornament. Prim., Esperança do Brasil e Protector Eximio das letras, Canto Heróico sobre as façanhas dos Portuguezes na Expedição de Tripoli.*

Essa lista tinha em anexo a relação da destinação das caixas de livros:

1 caixa Para o Ilmo. e Exmo. Snr. Gen^{ral} desta Capitania
 1 d^a P^a o Ilmo. e Exmo. Snr. Gen^{ral} de Goyas
 1 d^a P^a o Ouvidor de V^a R^a
 2 d^{as} P^a o Ouvidor de Sabará
 2 d^{as} P^a o Ouvidor do Rio das Mortes
 2 d^{as} Pa o Ouvidor do Serro Frio
 1 d^a P^a o Juiz de Fora da Camp.^a
 1 d^a P^a o Juiz de Fora de Paracatu

Quadro 2
Segunda Relação (22/10/1800)

Dos livros que vão por ordem de S. A. R. ao Ilmo. Exmo. Governador General de Vila Rica em um caixote marcado com a Letra C

Nº de exemplares	Obra	Valor individual	Valor total
10	Cultura Americana ¹	1 \$ 800	18 \$ 000
5	Jogos de Bergman ²	2 \$ 400	12 \$ 000
10	Conciderações Candidas ³	1 \$ 000	10 \$ 000
10	Cultura e Opulência do Brasil ⁴	\$ 960	9 \$ 600
3	Tratado das Abelhas em meia pasta ⁵	\$ 960	2 \$ 880
12	Paladios ⁶	\$ 600	7 \$ 200
4	Historia da America ⁷	\$ 600	2 \$ 400
4	Canto Heroico ⁸	\$ 480	1 \$ 920
4	Relações de Tripoli ⁹	\$ 80	\$ 320
20	Arvore Asucareira ¹⁰	\$ 240	4 \$ 800
30	Fazend ^{to} do Caffé T. 3 ^o p ^e 2 ^a ¹¹	1 \$ 200	36 \$ 000
50	Cultura das Battatas ¹²	\$ 320	16 \$ 000
12	Fazend ^{to} do Asucar T. 1 ^o p ^e 2 ^a ¹³	1 \$ 600	19 \$ 200
3	Canaes de Fulton ¹⁴	4 \$ 000	12 \$ 000
3	Caligrafia ¹⁵	\$ 480	1 \$ 440

Fonte: APM/SC 290, f. 203-4

1 – *Cultura Americana que contem huma relação do terreno, clima, produção, e agricultura das colonias britânicas do norte da America, e nas Índias occidentais, com observações sobre as vantagens, e desvantagens de se estabelecer nellas, em comparação com a Grã-Bretanha, e Irlanda.* Por hum Americano. Traduzida da lingua ingleza pelo bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro; vol 1º [Vol. 2º trad. Por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade]; publicado por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1799. Com mapa.

2 – *Manual do Mineralógico ou Esboço do Reyno Mineral disposto segundo a analyse chimica;* por Mr. Torben Bergman;... publicado por Mr. Forber...; traduzido e augmentado de notas por Mr. Mongez, o Moço...; nova edição consideravelmente augmentada por M. J. C. de La Metherie; utilmente traduzido por Martim Francisco Ribeiro de Andrade Machado...; publicado por Fr. Joze Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1800.

3 – *Conciderações candidas e imparciaes sobre a natureza do commercio do Assucar; e importancia comparativa das ilhas britannicas, e francezas das Índias Occidentaes, nas quaes se estabelece o valor e consequencias das ilhas de Santa Luzia e Granada;* trasladada do inglez por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade; publicadas por Fr. Joze Mariano da Coceição Velloso. Lisboa: Na Offic. Da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

4 – Extracto sobre os engenhos de assucar do Brasil, e sobre o methodo já então praticado na facturadestestal essencial, tirado da obra *Cultura e Opulência do Brasil*, para se combinar com os novos methodos, que agora se propoem.... Por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1800.

5 – *Tratado Historico e Fysico das Abelhas*, composto, por Francisco de Faria e Aragão....., por Fr. Joze Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

6 – *Palladio Portuguez e Clarim de Pallas que annuncia periodicamente os novos descobrimentos, emelhoramentos n`agricultura, artes, manufacturas, commercio, & .* Offerecido aos senhores deputados da Real Junta do Commercio &. Lisboa: Na Officina Patriarchal, 1796.

7 – *Historia Nova e Completa da America, colligida de diversos authores.../* pelo Bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro; publicado por Fr. Joze mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

8 – *Canto heroico sobre as façanhas dos portugueses na expedição de Tripoli... /* por José Francisco Cardoso, Professor Régio de Gramática Latina nacidade da Bahia, e dela natural. Traduzido por Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa: na officinal da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

9 – *Relação do modo com que desempenhou o Chefe de divisão Donald Campbell, a Comissão de que o encarregou o Almirante Lord Nelson, na viagem ao Porto de Tripoli, a fim de effeituar a paz entre o baxá daquella regencia, e a Coroa de Portugal.* Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

10 – *Descripção da Arvore Assucareira e da sua utilidade e cultura...* por Hippolyto José da Costa Pereira.... Lisboa: Na Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1800.

11 – Fazendeiro do Caffé

12 – *Tractado sobre a Cultura, Uso, e utilidade das Batatas, ou papas, solanum tuberosum, e instrucção para sua melhor propagação;* por D. Henrique Doyle; Traduzido do hespanhol, ... por Fr. Joze Mariano da Conceição Velloso. Lisboa: Na Typographia e Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego; 1800.

Ou

Instrucção sobre a Cultura das Batatas, Traduzida do inglez por ordem superior. Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

13 – Fazendeiro do Asucar

14 – *Tractado do melhoramento da navegação por Canaes, onde se mostram as numerosas vantagens, que se podem tirar dos pequenos canaes, e barcos de dous até cinco pés de largo, que contem duas até cinco*

toneladas de carga, com humadescrição das maquinas precisas para facilitar a condução por agua por entre os mais montanhosos paizes, sem dependencia de comportas, e aqueductos; incluindo observações sobre a grande importância das communicações por agua com reflexões e desenhos para aqueductos, e pontes de ferro, e madeira. Ilustrado com XVIII estampas. Escrito na linguaingleza por Robert Fulton..., traduzido para a portugueza por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado da Silva...; publicado por Fr. Joze Mariano da Conceição Velloso. Lisboa:NaOfficinada casa Litteraria do Arco do cego, 1800.

15 - Caligrafia

Do palácio de Queluz, em Lisboa, D. Rodrigo enviava mensagens ao Governador Bernardo José de Lorena, como a do texto seguinte, datada de 1º de dezembro de 1800:

Conhecendo o Príncipe Regente Nosso Senhor quanto seria danoso à felicidade e riqueza dos povos dessa Capitania o abandonarem a agricultura e o trabalho das minas para se darem às manufaturas e a uma indústria que apenas reproduz novas riquezas muito superiores ao trabalho que se emprega em os haver; por tão justos motivos manda Sua Alteza Real recomendar a Vossa Senhoria que procure animar muito os povos à Agricultura e ao trabalho das minas e desviá-los das Manufaturas, que nada lhes convém, em quanto as primeiras fontes já citadas da riqueza nacional se não acharem levadas por uma proporcional população ao limite em que seja necessário haver recurso às manufaturas para o emprego dos braços. O mesmo Augusto Senhor é servido que Vossa Senhoria tenha o maior cuidado em não perder de vista este objeto como o mais essencial, nem se afastando de tão necessários princípios.

A historiografia tem ressaltado o papel de Frei Velloso na circulação desses Manuais no Reino, sem, no entanto, atentar para a abrangência da circulação de seus textos nos territórios ultramarinos. Vimos que eles chegavam ao sertão americano das Minas Gerais. Resta-nos investigar a abrangência da leitura destes textos técnicos destinados à uma prática produtiva e a uma utilidade aplicável à realidade que se queria mudar.

Ao reconhecer essa destinação prática e útil, Maria de Fátima Nunes e João Carlos Brigola veem Frei José Mariano da Conceição Velloso como um “divulgador de conhecimentos práticos e úteis num projeto editorial de rara coerência temática”.² Essa coerência temática, talvez se explique pelo ambiente intelectual do frade e sua vocação naturalista, como os mesmos autores ressaltam, mas essas duas condições e a coerência ressaltada não explicam sozinhas a amplitude da circulação destes manuais de agricultura e, principalmente o que queremos problematizar, o projeto editorial amplo de Frei Velloso. Ressalte-se a falta de formação universitária do franciscano e a sua formação autodidata, centrada, entretanto, nos princípios do que poderíamos chamar de cientificidade acadêmica possível na segunda metade do século XVIII, na Capitania do Rio de Janeiro.

Vamos a alguns dados biográficos de José Velloso Xavier para entendermos melhor o editor, melhor, talvez, seria dizer, para entendermos o leitor. Ele nasce em Minas Gerais e é registrado na Freguesia de Santo Antônio, da Vila de São José, da Comarca do Rio das Mortes, Bispado de Mariana, em 1742, pelos pais, José Velloso da Câmara e Rita de Jesus Xavier. Em 1761 ingressa no Convento franciscano de São Boaventura de Macacú e cinco anos mais tarde recebe as ordens sacras no convento de Santo Antônio no Rio de Janeiro. A despeito de ser orador e confessor, interessa-se mais pelo magistério e, em 1770, o temos como docente de geometria no Convento de São Paulo. Pouco tempo depois ele é professor de

¹APM/SC. 290, f. 253.

²NUNES, Maria de Fátima & BRIGOLA, João Carlos. José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811) – Um frade no Universo da Natureza. In: *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)*. Bicentenário. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999, p. 51.

História Natural no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro. Seus biógrafos vêm no seu trabalho didático a influência das tímidas mudanças no ensino conventual franciscano preconizadas por Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, em seu *Plano dos estudos para a Congregação dos religiosos da Ordemterceira de São Francisco do Reino de Portugal*, de 1769. Tal plano recomendava estudos de física, matemática, filosofia natural, princípios de geometria, ontologia e pneumatologia e “algumas cousas da História Natural de Plínio”, de forma a que os alunos pudessem ser instruídos “com as noções precisas para que no curso Theológico saibam entender-se na Física Sacra”.³ O plano seguia, ainda, a recomendação pombalina de que os institutos de ensino deveriam se moldar às mudanças que ocorriam na Universidade de Coimbra e que se consolidaram com a reforma de 1772.

Nosso personagem torna-se um franciscano “vacionado”, pela sua ordem, para ser sensível aos fenômenos do mundo natural; essa sensibilidade típica da matriz franciscana. Interessa-se especialmente pelo ensino de História Natural e pela pesquisa da natureza vegetal. Como vimos, é nomeado lente da disciplina, em 1786.

O ambiente cultural do Rio de Janeiro a partir de 1770, também, propicia a Velloso um estímulo a seus estudos. Temos, em 1772, por iniciativa do marquês de Lavradio, a fundação da “Academia Médica, Cirúrgica, Botânica, Farmacêutica” do Rio de Janeiro, muitas vezes referida como Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro, que agregava uma série de amadores naturalistas do meio castrense e eclesiástico da cidade. Lembremos que esse tipo de iniciativa já fora realizado no Rio, com mais ou com menos sucesso, como são exemplos a tentativa de criação de uma sociedade médica de estudos botânicos, a existência efêmera de algumas associações literárias e a, também passageira existência da “Academia dos Seletos” que chegou a ter uma tipografia e a imprimir vários folhetos, antes que fosse proibida e destruída a mando da Metrópole. A “Sociedade de História Natural”, de Lavradio, construiu um horto botânico que, de acordo com seus Estatutos servia

(...) para nele se tratarem, e recolherem todas as plantas notáveis. E terá cada acadêmico obrigação de o ir ver para observar a diferença e crescimento delas. Haverá alguns coletores, os quais serão encarregados do Horto Botânico. Haverá, também, alguns acadêmicos desenhadores de plantas.⁴

Podemos ver que esse ambiente naturalista se ligava plenamente a uma cultura médica que via na Botânica um instrumento auxiliar da terapêutica médica, tentando conhecer para explorar as potencialidades farmacológicas das espécies vegetais. Frei Velloso se ligará a uma outra vertente dessa “economia da natureza”: aquela que via na potencialidade do conhecimento dos reinos da natureza, sob uma visão classificadora e racionalizadora, de que é exemplo Lineu, a possibilidade de transformação do mundo e de uma sociabilidade científica de caráter naturalista, ligada à utilidade das aplicações do conhecimento, na prática econômica.

O governo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790) caracteriza-se, também, por iniciativas como a construção do “Passeio Público” e nele a “Casa de História Natural”, popularmente conhecida como “Casa dos Pássaros”, onde se colecionava e

³Apud NUNES & BRIGOLA, 1999, p. 53. É importante, acerca da vivência de Frei José Mariano da Conceição Velloso ver, dentre outros textos, além dos citados à frente, BRAGANÇA, Aníbal. Antônio Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Velloso: Precursores. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.) *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 25-39.

⁴MOREIRA DE AZEVEDO, Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual reinado. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnografico do Brazil*, T. XLVIII, 1885, p. 269.

preparava produtos naturais para o envio a Lisboa. (Alguns a consideram o primeiro museu de história natural do Brasil).⁵ Essas remessas eram requeridas pela Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos e pelo Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, na tradição de envolvimento dos governadores das Capitanias americanas com esse tipo de atividade desde a década de 1760.

Frei José Mariano da Conceição Velloso inicia em 1783, a sua função de responsável pelas remessas de plantas, acompanhadas de descrição e de desenhos, para o Jardim da Ajuda. Em 1790, já depois de deixar o Brasil e ir para a Corte, ele, segundo Rômulo de Carvalho, escreve uma *Suplica*, onde reclama do peso e das dificuldades de sua atividade de coletor de espécies naturais pela Capitania do Rio de Janeiro.⁶ Frei Velloso havia sido liberado das atividades da regra conventual, pelo provincial frei José dos Anjos Passos, em 1783, para servir ao vice-rei em viagens filosóficas pela Capitania do Rio de Janeiro. Outros franciscanos foram seus auxiliares e desenhadores nessas expedições, como Frei Francisco Solano (desenhador), frei Anastácio de Santa Inês, frei Francisco Manuel da Silva Melo, José Correia Rangel, José Aniceto Rangel, João Francisco Xavier, Joaquim de Sousa Marcos, Firmino José do Amaral, José Gonçalves e Antônio Álvarez. Em 1790, Luís de Vasconcelos e Sousa convida Frei Velloso para ir para Lisboa, levando consigo 70 caixotes de amostras de espécies naturais e os originais de seus estudos e pranchas sobre a Flora Fluminense, depositando o Material no Museu e Jardim da Ajuda, já sob a direção de Domingos Vandelli.

Nosso instigante personagem torna-se editor quando se desloca para Lisboa, a despeito de seu afastamento da Academia de Ciências da capital lusitana e das muitas críticas à sua obra sobre a flora fluminense. O que o teria levado a conseguir esse estatuto editorial sendo autodidata e não usufruindo do beneplácito acadêmico-científico do círculo intelectual lisboeta? Essa, dentre outras, é questão em busca de resposta mais documentalmente criticada.

Sua estadia em Lisboa objetivava, além do trabalho na Ajuda e na Academia com atividades de classificação das espécies naturais (especializa-se em Ictiologia), a edição de seu estudo sobre a Flora Fluminense, objetivo que não se concretizará. Tal edição, além de outros problemas críticos se tornara cara e difícil. Em 1797 ele solicita à autoridade régia que “(...) o suplicante se acha nesta Corte há sete anos fora de seu Convento, para onde deseja recolher-se logo que complete esta ação”.⁷ A Real Academia de Ciência de Lisboa almeja que Frei Velloso adapte a sua obra e ao mesmo tempo classifique a sua coleção de peixes. A exigência dessas duas tarefas o afasta da Academia.

Os projetos editoriais de Frei José Mariano da Conceição Velloso têm um marco original nesse afastamento da Academia e na preparação e publicação de um periódico agrário, em 1796, editado pela Officina Patriarchal, de Lisboa: *PaladioPortuguez e Clarim de Palas que anuncia periodicamente os novos descobrimentos e melhoramentos n'agricultura, artes, manufacturas, commercio & oferecido aos senhores deputados da Real Junta do Commercio*. No primeiro *Paládio*, as novidades eram exclusivamente do campo da “Nova Agricultura” preconizada pelos conhecimentos agrônômicos da Filosofia Natural setecentista, influenciada pelos princípios econômicos e políticos da Fisiocracia. Inspirada em Pierre Samuel Dupont de Nemours, autor de *Del`Origine et des Progrès d'une Science Nouvelle*, publicado em Londres em 1768, essa nova ciência era condicionada ao desenvolvimento de uma economia do mundo rural. A terra é vista como a verdadeira fonte de riqueza de uma nação e os produtos dela é que

⁵LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 26-27.

⁶CARVALHO, Rômulo de. *A história natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: ICALP, 1987, p. 90. *Suplica* de Frei José Mariano da Conceição Velloso. AHU, Reino, Manuscrito 2719. Este documento, os pesquisadores Maria de Fátima Nunes e João Carlos Brigola afirmam não ter encontrado no Arquivo Histórico Ultramarino, doravante abreviado como AHU.

⁷AHU, Reino, Maço 2705.

originam a prosperidade de qualquer economia. Dupont de Nemours e seu ciclo parisiense, onde se incluíam, mais especificamente, Anne-Robert Turgot, que foi ministro das finanças de Luís XVI, e Antoine-Laurent Lavoisier, foram os grandes inspiradores dessa lógica racional para o mundo rural. Tiveram, entretanto seguidores que, especificamente, no ambiente francês serão mencionados a seguir.

Para as primeiras edições Frei Velloso procurou constituir uma rede de tipografias para dar vazão às edições de textos que atendessem ao seu interesse temático. Assim, essas obras seriam editadas pelos prelos das oficinas de Antonio Rodrigues Galhardo (impressor da Casa do Infantado), de João Procópio Correia da Silva (impressor da Igreja Patriarcal) e pelo oficial impressor independente Simão Thaddeo Ferreira. Chamando a si a condição de compilador de textos, coordenador de projetos gráficos e tradutor, o franciscano procurava ter material interessante para as edições que segundo seus biógrafos já objetivavam distribuição em Portugal e no Brasil.⁸

⁸NUNES & BRIGOLA, 1999, op. cit., p. 63.

Quadro 3
Obras publicadas por Frei José Mariano da Conceição Velloso antes do funcionamento da Tipografia, Calcográfica e Literária do Arco do Cego, em 1799

Obra	Autor	Tradutor	Oficina	Ano
<i>HelminthologiaPortuguesa</i>	Jacques Barbut	José Mariano da Conceição Velloso	João Procópio Correa da Silva	1799
<i>Memoria sobre a cultura da Urumbeba e sobre a criação da Cochonilha</i>	Claude Louis Berthollet	José Mariano da Conceição Velloso	Simão Thaddeo Ferreira	1799
<i>Colecção de memórias Inglezas sobre a Cultura e Commercio do Linho Canamo</i>	Diversos	José Mariano da Conceição Velloso	Antônio Rodrigues Galhardo	1799
<i>Cultura Americana</i>	“Hum Americano”	José Feliciano Fernandes Pinheiro	Antonio Rodrigues Galhardo	1799
<i>Discurso Prático acerca da cultura, maceração, e preparação do Canamo</i>	?	José Mariano da Conceição Velloso (do italiano)	Simão Thaddeo Ferreira	1799
<i>A Sciencia das Sombras relativas ao desenho</i>	M. Dupain	José Mariano da Conceição Velloso	João Procópio Correa da Silva	1799
<i>Tratado sobre o Canamo</i>	Mr. Marcandier	José Mariano da Conceição Velloso (do francês)	Simão Thaddeo Ferreira	1799
<i>Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamomo, vulgo Caneleira do Ceilão</i>	?	Francisco da Cunha Menezes	Simão Thaddeo Ferreira	1798
<i>Memoria sobre a cultura, e preparação do girofeiro aromático vulgo cravo da India nas ilhas de Bourbon e Cayena</i>	?	José Mariano da Conceição Velloso	João Procópio Correa da Silva	1798
<i>Memoria, e extractos sobre a pipereira negra</i>	?	José Mariano da Conceição Velloso	João Procópio Correa da Silva	1798
<i>Discurso sobre o melhoramento da economia rustica do Brazil</i>	José Gregório de Moraes Navarro	-	Simão Thaddeo Ferreira	1799
<i>PaladioPortuguez</i>	Diversos	José Mariano da Conceição Velloso	Oficina Patriarcal	1796
<i>Quinografiaportuguesa</i>	Diversos	José Mariano da Conceição Velloso	João Procópio Correa da Silva	1799
<i>Alographia dos álcalis fixos</i>	Diversos	José Mariano da Conceição Velloso	Simão Thaddeo Ferreira	1798
<i>O Fazendeiro do Brazil</i>	Diversos	José Mariano da Conceição Velloso	Régia OfficinaTypographica	1798

Velloso tem o apoio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, fundamentado no seu interesse claro no desenvolvimento agrícola do Brasil e no crescimento de estabelecimentos dedicados ao comércio marítimo e à construção náutica. Reside em sua casa como hóspede e, no Prefácio do Tomo I, Parte I, de *O Fazendeiro do Brazil*, editado na Régia OfficinaTypographica, em 1798, ele diz que, por D. Rodrigo ele fora

Incumbido, a saber: de ajuntar e trasladar em português todas as memórias estrangeiras que fossem convenientes aos Estabelecimentos do Brasil, para melhoramento de sua economia rural e das fábricas que dela dependem, pelas quais, ajudadas, houvessem de sair do atraso e atonia em que atualmente estão e se pusessem ao nível com osdas nações nossas vizinhas e rivais e no

mesmo continente, assim na quantidade como na qualidade dos seus gêneros e produções.⁹

É possível que o ambiente de discussão sobre a “nova agricultura na Europa, envolvendo Academias de Ciência e sociedades agrícolas, quando a causa “*res-rustica* é incentivada pelas novas experiências instrumentais e de conhecimentos botânicos, bem como a expansão do consumo e da produção do arroz, da batata e das “bebidas alimentosas”, chá, café e cacau, em contraposição aos tradicionais produção e consumo dos cereais, permanência dos cultivos mediterrânicos, tenha contribuído para o contato de frei Velloso com uma nova temática para além de seu interesse puramente naturalista. O certo é que seu discurso naturalista adquire uma perspectiva agrarista.

Traduções, diálogos e leitores para manuais do mundo rústico.

Pergunta-se com frequência a razão de ter D. Rodrigo de Sousa Coutinho investido em uma nova tipografia de caráter estatal, se já existiam a Imprensa Régia e a tipografia da Academia das Ciências de Lisboa. É importante certificar-se que desde 1797, D. Rodrigo já tomara uma série de providências de modo a dar liberdade a Frei Velloso usando como justificativa a necessidade da edição do *Flora Fluminense*: disponibilizara técnicos (“abridores”) do Arsenal Real do Exército para trabalhar para o franciscano às custas do Arsenal; solicitara à Real Junta da Fazenda da Marinha o pagamento de chapas de cobre polido para “abrir” as estampas do frei; pedira pagamento de todo o papel necessário pedido por Velloso para a edição de seu livro; por fim havia solicitado a Domingos Vandelli que devolvesse ao Frei os originais do *Flora* que estavam sob a guarda do Real Jardim Botânico da Ajuda.

Segundo Maria de Fátima Nunes e João Carlos Brigola, a Casa Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego foi “um projeto iluminista” que se converte em um “cadinho intelectual de jovens brasileiros que se encontravam na Metrópole e que gravitavam em torno de Mariano Veloso”.¹⁰ Faziam parte deste grupo os “brasileiros” Hipólito José da Costa, Antônio Carlos de Andrade e Silva e Martim Francisco de Andrade e Silva, irmãos, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Vicente Seabra da Silva, Manuel Rodrigues da Costa, José Ferreira da Silva, José Viegas de Meneses, João Manso Pereira, Manuel Arruda da Câmara e Manuel Jacinto Nogueira da Gama.

A existência e funcionamento deste grupo de sociabilidade científica nos dá subsídios para entender como Frei Velloso, constituindo em torno do Arco Cego uma plêiade de pensadores, busca delimitar e atingir o seu alvo, do qual falávamos no início da comunicação: os leitores e o repertório de leituras. Em uma apresentação do manual *Tratado Histórico e Fysico das Abelhas*, de Francisco de Faria e Aragão, nosso editor salienta a qualidade daquela informação acessível ao público específico ao qual se destinava e criticava os escritores que tinham “ócio literário” e produziam obras que “jamais servirão para o conhecimento dos camponeses, como desconhecedores da linguagem em que são escritas e apenas para algum rico proprietário”. Justificava, no mesmo texto, seu trabalho incansável de tradução, dizendo

⁹Prefácio de VELLOSO, José Mariano da Conceição. *O Fazendeiro do Brazil*, melhorado na economia rural dos generes já cultivados, e de outros, que se podem introduzir, nas fabricas, que lhe são proprias, segundo o melhor que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspícios e de ordem de Sua Alteza Real e Príncipe do Brazil. Colligido de Memorias estrangeiras / por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. – Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1798-1806. 5 T. em 11 volumes, front., est. (alg. Desd. e color.) 17 cm. Acervo da Biblioteca Nacional; Rio de Janeiro.

¹⁰NUNES & BRIGOLA, 1999, op. cit., p. 66.

que o fazia “para que nada falte a estes homens úteis que habitam os campos e sustentam as cidades”.¹¹

Essa sociabilidade científica inclui correspondências com homens cultos envolvidos na produção agrária no Brasil e em outras partes da América (como fazendeiros do sul dos Estados Unidos), buscando trocas de experiências e de informações úteis sobre equipamentos, formas de produção, etc. Esse é o caso do doutor Gregório Soares, de Vila Rica, Minas Gerais que pretende ser esclarecido sobre moendas de açúcar, mais especificamente sobre uns desenhos que ele tinha tido acesso na Parte I de *O Fazendeiro do Brasil*, publicado antes da existência da Casa Literária do Arco do Cego. A carta motiva a publicação, já nesta tipografia, em 1800, do manual *Respostas dadas a algumas perguntas que fizerão sobre as moendas dos engenhos de assucar e novos alambiques*, por Jerônimo Vieira de Abreu.

As estratégias de circulação das obras publicadas denotam um publicismo utilitário para a causa agrária, presente em nosso personagem. Elas envolveram a produção periódica de catálogos e de indicações de livrarias no Reino, onde elas podiam ser adquiridas. Anunciavam, ainda, as obras no prelo e as programadas para entrarem no prelo, acreditando em um potencial de leitura e de leitores e estimulando nesses a expectativa pelos novos lançamentos. Dessa forma, as livrarias de Lisboa que vendiam as obras, além da loja da própria oficina tipográfica eram a da “Viúva Bertrand e Filho” e na de “Borel e Martin”, no Chiado. Em Coimbra, os livros podiam ser comprados na loja de “Semiond” e, no Porto, na de “Antonio Alvares Ribeiro”.

A opção pelo investimento em uso de imagens nas edições é outro importante fator na estratégia de informação e de venda, objeto de análise específica que não vamos fazer aqui. No entanto, é bom medir essa estratégia para aquilatar sua importância: das 83 obras editadas pelo Arco do cego, 45 eram ilustradas.¹² Comparando com a Impressão Régia, das 582 obras editadas, apenas 34 eram ilustradas e 548 não tinha nenhuma ilustração.

A definição dos leitores é evidenciada em vários momentos, como na Introdução do Tomo II, Parte II d’*O Fazendeiro do Brasil*, publicado em 1800, na oficina de Simão Taddeo Ferreira, onde Frei José Mariano escreve, explicitando sua missão e, ao mesmo tempo, a forma estratégica do destino de suas obras:

[estas obras] devem ser, como Cartilhas, ou Manuais, que cada Fazendeiro respectivo deve ter continuamente nas mãos, dia e noite, meditando e conferindo as suas antigas e desnaturalizadas práticas com as novas e iluminadas, como que deduzidas de princípios científicos e abonadas por experiências repetidas que eles propõem para desbastardar e legitimar os seus gêneros, de sorte que hajam, por consequência, de poder concorrer nos mercados da Europa a par dos estranhos.¹³

E arrematava o mesmo texto com a expressão: *Sem livros não há instrução*.

Em levantamento realizado por Miguel Faria, identificam-se 83 obras publicadas na Casa Tipográfica, Tipoplástica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego. Dessas 93% editadas em português e 7% em latim. As traduções assim se apresentam: 47% do francês; 29% do inglês; 10% do alemão; 5% do latim, 2% do italiano, 2% do espanhol e 5% de outras diversas línguas. Tematicamente, segundo Miguel Faria, assim se distribuem as edições: 11%

¹¹*Tratado Histórico e Fysico das Abelhas*, composto por Francisco de Faria Aragão, Prebytero Secular, Publicado debaxo dos Auspicios, e Ordem de S. ALTEZA REAL, o Principe Regente Nosso Senhor, por Fr. Joze Mariano Velloso. Lisboa. Na Offic. da Casa Litteraria do Arco do Cego. Anno M. DCCC. Acervo digital da Biblioteca nacional de Portugal.

¹²Versobre o uso de imagens nas edições do período, FARIA, Miguel Figueira de. *A imagem útil: José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador topográfico e de história natural: arte, ciência e razão de estado no final do Antigo Regime*. Lisboa: EDIUAL, 2001.

¹³*O Fazendeiro do Brasil*, op. cit.

de História Natural; 26% sobre Agricultura; 16% de obras de Poesia; 16% de Medicina, Assistência e Saúde Pública; 7% de Belas Artes, 7% de Obras Náuticas; 5% de textos de História; 5% sobre Ciências exatas e 7% sobre Outros assuntos.¹⁴

A pesquisa (ainda em curso) me leva a identificar evidente influência de uma discussão crescente na França sobre o papel da agricultura no desenvolvimento e como objeto de conhecimento científico efetuado em padrões de rigor. Se essa evidência recai sobre alguns homens de ciência, como Buffon, por exemplo, ela tem aderência clara a uma corrente mais pragmática de ação dos acadêmicos sobre a realidade. É o que busco agora materializar em etapa atual da pesquisa. Nesse ponto desponta o nome e o trabalho investigativo de um acadêmico francês com claras influências sobre Frei Velloso e com textos traduzidos para o português. É Henri-Louis Duhamel du Monceau e seus textos ligados ao melhoramento da agricultura, principalmente *Traité de la culture des terres; Traité de la conservation des grains e Traité des Arbres et Arbustes*.

Se existem, basicamente, dois tipos de homens de ciência na França do século XVIII, como apresenta, de modo geral a historiografia, os enciclopedistas e os preocupados com a intervenção na realidade, Duhamel du Monceau é parte deste segundo grupo. Praticamente a ciência rigorosa que, fundamentalmente se baseia em um método que podemos assim simplificar: 1) busca de informações entrevistando as pessoas; 2) observação e registro detalhados das diferentes práticas; 3) apresentação de propostas hipotéticas de melhoramentos; 4) experimentação das propostas, testando as hipóteses; 5) apresentação de resultados com rigor nos dados da experimentação. Esse padrão moderno de investigação é preconizado para auxiliares – produtores a quem busca arregimentar para as fileiras investigativas.

Henry-Louis Duhamel du Monceau é, simplificando, um cientista e um engenheiro. No primeiro caso quer autopsiar a natureza e no segundo quer resolver problemas concretos e responder às questões apresentadas pelo poder público e pelos agentes econômicos. É movido, ainda pelo princípio religioso de admiração pelas maravilhas de Deus. E a natureza é uma delas. Ainda o norteia um senso de “filantropia”, típico dos círculos letrados parisienses e europeus, em geral, deste tempo, marcado pelo desejo e justificativa de desempenhar um papel social no combate a uma rotina ignorante, para diminuir a escassez, conciliar interesses dos produtores do campo e dos consumidores e lutar contra a exclusão das parcelas miseráveis das populações.¹⁵

Frei Velloso partilhava destes princípios e tinha em sua démarche racionalizadora, basicamente, esses parâmetros norteadores. Como já citamos, além dos ideais franciscanos “naturalistas”, objetivava, enfim, um melhoramento das condições de vida e de produção, atento a uma realidade que ele julgava conhecer e ávido por participar de seu processo de mudança. Antes de ser um editor, o frade franciscano era um leitor: de realidades naturais, de perspectivas produtivas, e, sobretudo, de livros.

¹⁴FARIA, Miguel F. Da Facilitação e da Ornamentação: A Imagem nas Edições do Arco do Cego. In: *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)*. Bicentenário. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999, p. 117.

¹⁵Versobre esse princípio da filantropia o estudo de CURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. In: *Revista Intellectus (in line)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004, Ano II, vol. I. <http://www2.uerj.br/~intellectus/>, acessado em 12/01/2015. Sobre Duhamel du Monceau, dentre outras, há a obra fundamental de DINECHIN, Bruno Dupont de. *DUHAMEL DU MONCEAU. Un savant exemplaire au siècle des Lumières*. Paris: CME (Connaissance et Mémoire Européenne), 1999; além de *DUHAMEL DU MONCEAU: 1700-2000: un Européen au siècle des Lumières*. Organisé pour l'Académie d'Orléans. Présentation de CORVOL, Andrée, Orléans: Académie d'Orléans, 2000.